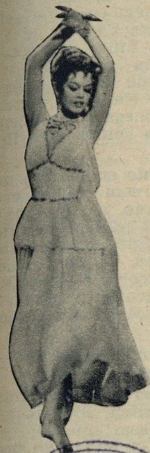

BRIGITTE BARDOT

ALBUM DOS ARTISTAS
(2.º Volume — Fasc. 43)
Edição de Aguiar & Dias, L.da  Distribuidores e depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones: 668639/668684 — LISBOA (Portugal). Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.da - Trav. da Condessa do Rio, 7 - Lisboa.



# BRIGITTE BARDOT,

## a «estrela» sem véus!







Numa casa da rua de La Pompe, no décimo sexto bairro de Paris, reina grande azáfama. Quem por ali passar neste dia 28 de Setembro de 1934 ouvirá os primeiros vagidos de uma criança e os risos alegres de seus pais.

Eles esperavam exactamente uma menina e agora que a embalam nos braços, têm a certeza de que ela aumentará ainda mais a felicidade que os une desde o primeiro dia.

E, na realidade, à medida que os anos passam, a pequena Brigitte vai-se tornando uma boneca adorável, de alegria contagiante, pequeno botão de carne que espalha admiração em seu redor.

Vêm depois os anos da escola e ela revela-se uma aluna aplicada e diligente. Uma aluna que se esforça por não faltar às aulas, mesmo quando chove ou quando os dias primaveris, radiosos de vida e de sol, a tentam a escapulir-se para o campo, com as outras colegas que não cessam de incitá-la a segui-las.

O seu grande sonho é dançar. E, concluídos os estudos secundários, matricula-se nas aulas de dança do Conservatório, dirigidas primeiro pela professora Jeanne Schwartz e depois por B. Kmazell. Em seguida, vai frequentar o curso de comédia, sob a orientação do professor R. Simon.

Concluídos estes cursos, Brigitte fica sem saber o que fazer. Seu pai, dono, presidente e director dos «Estabelecimentos Bardot, Ar e Oxigénio Líquidos», é um burguês abastado, e não quer que a filha se empregue. O que aprendeu, aprendeu. Agora deverá ser uma pequena burguesinha como outra qualquer, sem preocupações, sem problemas, sem nada.

Aos 16 anos, na idade da impaciência, Brigitte vive a grande maioria do tempo dentro de casa. Sua mãe é uma mulher extremamente ocupada, que tem uma casa de costura a dirigir e uma posição social a respeitar. Quando tem de se referir à educação das filhas, relembra orgulhosamente o facto de possuir uma governante apenas para as vigiar devidamente.

Mas, muito ao contrário do que Madame Bardot supõe, a honrada inglesa de sapatos rasos, chapéu de palha e guarda-chuva, que escoltava fielmente Brigitte da casa à escola e da escola ao conservatório, não é ruim, nem sequer severa. É apenas uma sentinela vigilante, que chega por si só para que a jovem perca o gosto pela solidão e sinta latejar nas nas veias a rebelião contra os preconceitos, a ansiedade, a fé, a audácia e o desespero.

Brigitte não esquece a dança. Não lhe dizia a mãe, recordando a sua passagem pelo Scala de Milão, que se podia ser bailarina sem corar de vergonha? Na velha casa da rua de La Pompe, o «ballet», a única distracção permitida, representa para Brigitte uma possibilidade de evasão. Uma possibilidade em que ela pensa a toda a hora. Tanto que chega a confidenciar à governanta os sonhos que lhe povoam a alma...

— Lembra-se quando eu andava no colégio? Era para ir com o papá e a mamã passar o Verão na Bretanha ou na Côte d'Azur, já não me recordo bem... Mas no colégio organizaram um cruzeiro de férias, no *De Grasse*, a Lisboa, Madeira, Açores e Ilhas Canárias... e eles consentiram, que eu fosse, lembra-se? Dançávamos a bordo, era tão belo...

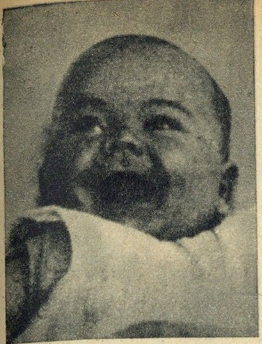
— A menina só pensa na dança! — suspira a velha inglesa.

Sim, e que mal isso tem? Impelida pela força que a domina, Brigitte levanta-se e, mesmo sem música, rodopia pela sala com a leveza de um cisne... E imagina-se num amplo teatro dançando para milhares de espectadores que a aplaudem...

★

Aos sábados e domingos à tarde, quando o sol não é muito forte ou quando o céu não tem nuvens a ensombreá-lo, a governanta vai levar Brigitte a um passeio pelo Champ de Mars ou pelas áleas de La Muette. Rapazes bonitos e elegantes cruzam-se com ela, dizem-lhe por vezes galanteios e piropos, mas para Brigitte

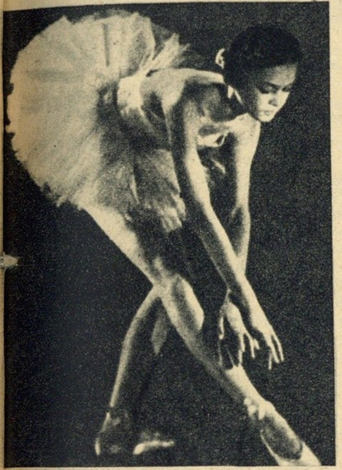




**Quem diria que este bebé risonho viria a ser, volvidos vinte anos, o causador dessa doença chamada bardolatria? Podem não achá-lo bonito como bebé, mas para quem tinha apenas três meses de idade, não era nada mau...**



**Brigitte e Mijanou fizeram juntas a Primeira Comunhão. Ei-las com os seus vestidos e véus brancos, nesse dia em que ainda não sabiam sequer que o cinema existia...**



**Mandaram-na estudar «ballet» e ela revelou-se dona de uma intuição artística que surpreendeu os próprios professores...**



**Era assim que Brigitte se preparava quando ia com a sua velha governanta inglesa pelas passear pelas áleas de La Muette...**



Uma das raras fotografias de Brigitte com a família. Da esquerda para a direita: Mijanou (de pés descalços), o pai, a mãe, Brigitte e o avô.

não passam de palavras sem sentido. Do amor ou do sexo ela não sabe nada, absolutamente nada, vivendo como vive à margem das terríveis lições de psicologia e da anatomia que a promiscuidade dos bairros pobres dá às raparigas que têm de brincar nos bairros pobres. O mundo das relevações s e x u a i s continua cerrado para ela.

Contudo, à medida que o corpo esbelto de Brigitte vai entrando na puberdade, a senhora Anne Marie Bardot sente que se aproxima a época das preocupações. Talvez por isso, decide retirá-la um pouco da solidão em que ela vive e, ao mesmo tempo, dar-lhe ensejo para exibir os seus dons de bailarina. Como? A solução não é difícil para uma mulher com o poder de imaginação da senhora Bardot.

Conversando com o seu amigo, o criador de modas, Jean Bartet, que vai apresentar na Galeria Dronand David, a sua primeira colecção de chapéus, Anne Marie sugere-lhe a dança como tema de encenação. E acrescenta:

— Não precisa sequer de gastar dinheiro, porque cedo-lhe a minha filha Brigitte, que já tirou dois cursos de dança...

Jean Bartet aprova a ideia com entusiasmo e vai pô-la em execução. Ensaia Brigitte duas ou três vezes até se considerar satisfeito com o à-vontade da g e n t i l filha da sua amiga...

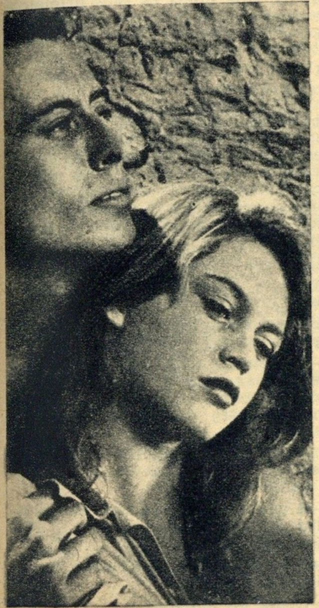
No dia anunciado para a passagem dos chapéus, a Galeria Drounand David enche-se de um público selecto e curioso, que anseia por ver «a apresentação original» anunciada nos cartões de convite.

Quando a pequena Brigitte plena de graciosidade e encanto, com uma fita preta e uma rosa ao pescoço, entra na sala, um sorriso esboça-se em todos os lábios, um sorriso de complacência pela timidez que a jovem trouxera dos bastidores. Mas eis que,

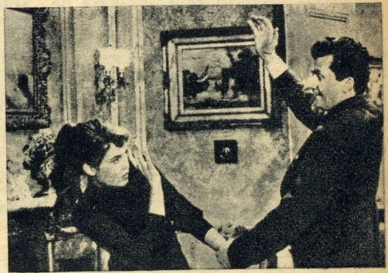


**Em «Le Trou Normand», o seu primeiro filme, Brigitte ainda não tinha perdido a timidez que a educação burguesa recebida lhe deu. Ei-la, já com o seu famoso «rabo-de-cavalo», ao lado de Bourvil.**





# OS PRIMEIROS PASSOS NO CINEMA



**Em «Le Portrait de son père», um dos seus primeiros filmes, ela começou a sofrer a agressividade dos homens — mas seu «partenaire», Jean Richards, não se tornou famoso por isso...**

**O primeiro filme «escandaloso» de Brigitte tinha um título siginificativo: «Manina, fille sans voile». O seu galã — o primeiro que a abraçou no cinema — era Jean François Calvé, hoje retirado da vida artística.**

com surpreendente desenvoltura, ela apresenta, dançando, os modelos de Jean Bartet:

— *Vingt deux... Twenty two... Entrechats.*

— *Trente sept... Thirty seven... Jété.*

E toda a assistência se rende, presa de admiração, à singular manequim-bailarina...

No final da passagem, uma das espectadoras, a chefe de redacção da revista «Jardin des Modes» pede à senhora Bardot autorização para fotografar a filha com um vestido da sua colecção «Junior».

Essa fotografia resulta excelente e a revista feminina «Elle» decide publicá-la numa das suas capas a cores.

Contudo, soando a expressão «cover girl» de maneira equívoca para a burguesia francesa, sem excepção para os esposos Bardot, Anne Marie hesita em conceder autorização, para essa capa, ponderando longamente sobre os inconvenientes que essa autorização lhe pode acarretar. Após longa meditação acaba por descobrir uma maneira de conjurar a audácia.

— Desde que Brigitte não receba dinheiro por essa capa e desde que o seu nome não seja publicado, não vejo mal em dar autorização — exclama ela a sós com o marido.

— Resolve o que quiseres — decide o senhor Bardot, desinteressado.

★

Corre o ano de 1951. O realizador Marc Allégret procura uma nova «estrela» para o seu filme «Les Lauriers sont coupés». Não se trata de mais uma película na sua carreira de cineasta habituado a todos os géneros comerciais, mas de um desejo de voltar à ternura e ao encanto de «Lac aux dames» — o seu principal filme, baseado numa história da Vicky Baum. Senão completamente, pelo menos uma parte do êxito desse filme proviera de uma desconhecida, uma mulher criança, uma ingénua perversa — Simone Simon. Desde então, Allégret vive à procura da sua Simone Simon, sem contudo a encontrar. Agora, porém, ele não pode esperar mais, porque sem ela «Les lauriers son coupés» redundará num inevitável fracasso.

O rosto, os lábios, as covinhas de Brigitte na capa da «Elle» despertam a sua atenção obrigando-o a ir à redacção da revista saber onde ela reside. Em seguida, manda-lhe uma carta e, dias depois, recebe-a no seu escritório sob a vigilância da mãe.

Uma e outra desagradam-lhe à primeira vista, mas mesmo assim submete a «cover-girl» a um ensaio, cujas filmagens confia ao seu assistente, um rapaz corpulento, mas de rosto magro, antigo repórter do «Paris-Match», que inicia os seus primeiros passos no cinema e que se chama Roger Plemmianikov, embora todos o tratem por Roger Vadim.

A saia escocesa e a blusa branca de gola engomada que sua mãe quis que ela vestisse, desfavorecem extraordinàriamente a fotogenia de Brigitte. Por outro lado, Vadim não manifesta quaisquer sinais de interesse por ela. A breve prova que ele realiza com a candidata a «estrela», servirá apenas para confirmar a desilusão anterior do consagrado «metteur-en-scène».

— Então?... — pergunta, sorridente, a senhora Bardot, no dia seguinte, após a projecção.

Allégret é um homem sem papas na língua, sincero, mas cruel:

— Lamento muito, mas a sua filha parece falar com a sua dentadura, minha senhora — e despede-se ràpidamente antes que a escandalizada mãe lhe possa responder.

Vadim procura amenizar as coisas, acusando o seu realizador de possuir um génio irascível.

— A gente do cinema tem um feitio muito difícil de compreender... Não levem a mal...

Depois, olha só para Brigitte e pergunta-lhe:

— Gosta do cinema?



# O casamento de uma jovem de 18 anos...




**Quando, aos 18 anos, Brigitte se casou com Roger Vadim era, fisicamente, quase uma garota (sê-lo-ia também mentalmente?) de aspecto despretensioso e simples como atestam estas fotografias tiradas antes da cerimónia.**



**Após a cerimónia, trocaram assim, com alegre confiança, um beijo nas faces, à francesa...**

★



**A sua viagem de núpcias durou pouco tempo. A falta de dinheiro obrigou-os a uma curta estadia num lugarejo da província.**

Ela procura não mostrar-se muito desiludida com o seu fracasso.

— Assim assim.

— Gostaria de ser uma grande vedeta?

De novo ela esconde a verdade:

— Nem por isso...

— E representar no teatro?

— Não gostaria — responde com firmeza. — Obrigar-me-ia a estar todos os dias no mesmo sítio para fazer a mesma coisa... E isso, na vida, é o que mais detesto — afirma corajosamente, como uma acusação e uma denúncia da vida que a mãe lhe impõe em casa.

Antes de se despedir, Vadim aconselha-a a começar a ler os clássicos...

— Os clássicos? — repete ela, estupefacta.

Ao regressar à solidão do seu quarto branco, Brigitte sente-se mais só do que nunca. O divã verde, a cadeira «Império», o toucador romântico, os candelabros antigos parecem-lhe repassados de uma infinita tristeza — a sua tristeza. O gato Crocus, seu companheiro de tantas horas de solidão, vem molemente anichar-se no seu regaço, mas enxota-o, enfadada. Até os pássaros nas gaiolas douradas — pássaros emburguesados como tudo o mais — lhe parecem odiosos por se sentirem felizes na sua prisão. Ah! Se ela pudesse... «Quando deixarei de ser uma criança para passar a ser uma senhora?» — pergunta-se, ansiosa. O espelho, que lhe reflecte a imagem, não lhe responde. E o quarto continua mergulhado em sepulcral silêncio.

«Gosta do cinema?» — perguntara-lhe o assistente. Como queria ele que lhe respondesse sinceramente com a mãe ao lado? Sim, gostaria de ser uma grande «estrela», mas até que o príncipe encantado dos seus sonhos surja, nada poderá fazer... E esse dia vem certamente longe, porque não conhece ainda ninguém que possa vir pedir a sua mão em casamento.

Recorda, sem querer, o rosto de Vadim: «Não é bonito, usa óculos, mas é alto e tem qualquer coisa de simpático, apesar do seu ar frio e superior. Mandou-me estudar os clássicos, certamente por me achar estúpida... e feia».

Num impulso súbito, atira-se de bruços sobre a cama e começa a chorar...

★

Passam-se duas semanas sem que Brigitte consiga fugir à amargura da sua angustiante solidão. Mas, certa tarde, o telefone retine e, ao ouvir do outro lado do fio, a voz de Vadim, o seu coração enche-se, nem ela sabe porquê, de uma alegria transbordante.

— A minha mãe não está — informa Brigitte. — Partiu com o papá para os pinheiros das Landes. Ficámos, eu e a minha irmã Marie-Jeanne (1), na companhia da nossa avó...

— Não telefonei por causa de sua mãe, mas apenas porque desejava... falar um bocado consigo. Hoje nada tenho para fazer e sinto-me aborrecido...

— Também eu — confessa ela, sem rodeios. — Precisava de ir a uma grande festa, para ver se me passa esta tristeza...

— Aonde gostaria de ir?

— A nenhum sítio em especial, desde que me divertisse... Podia ser mesmo aqui em casa...

— E sua avó consentiria?

— Ela é diferente dos meus pais. Gosta muito de nós e faz-nos todas as vontades...

— Tenho uma ideia...

— Diga...

— Você convidaria as suas amigas e eu os rapazes aqui do estúdio... Levaríamos umas coisas para comer e beber — e dançaríamos qualquer coisa com o seu «pick-up»... Aceita?

A resposta não vem em seguida. Brigitte pensa na avó e no desagrado que lhe poderá causar a entrada de

(1) Hoje conhecida com o nome de Mijanou Bardot, a caminho do êxito estrondoso.



# ...E a transformação começou!



Logo após o casamento, Vadim empenhou-se incansàvelmente num trabalho obstinado para tornar Brigitte a grande «estrela» do primeiro filme que realizasse



Todas as ocasiões lhe serviam para isso, e nada o demovia de consagrar cada segundo a dizer a Brigitte como deveria ela actuar diante das câmaras...

Após o casamento, Brigitte quase que perdeu o contacto com a família. Só muito raramente aos domingos, ela e Vadim íam visitar os pais Bardot na casa decampo que possuíam nos arredores de Paris... Ei-la brincando a uma espécie de criquete, sob as vistas complacentes do pai, da avó, da mãe e do marido, fumador incorrigível



muitos rapazes naquela casa habitualmente calma e silenciosa.

— Não traga muitos amigos, não? — pede ela, com a sua voz de criança tímida.

★

A improvisada festa dura toda a tarde e prolonga-se pela noite adiante. Vadim e Brigitte dançam ininterruptamente, os ritmos mais variados — ora voluptuosos e lascivos, ora trepidantes e alegres. Para eles, nada mais conta do que o calor que lhes percorre as veias e lhes incendeia o coração. Enquanto a avó de Brigitte se deixa vencer pelo sono, o futuro realizador e a futura «estrela» beijam-se apaixonadamente. Os outros fingem não dar por nada — eles fazem o mesmo...

Não é por acaso que Paris tem a fama que tem...

★

Três meses depois deste estranho baile, Brigitte decide desfazer a auréola de menina solitária e triste com que seus pais a vêem. Não é fácil, no entanto, conseguir um momento oportuno para isso. O pai enfronha-se nos jornais durante o pouco tempo que passa em casa e a mãe, essa, anda sempre ocupada com o trabalho do «atelier». Só lhe resta a possibilidade de interromper a leitura do pai...

— Paizinho, queria pedir-te...

O senhor Bardot levanta os olhos por cima dos óculos suspensos no nariz, com uma nítida expressão de contrariedade.

— Basta que me sente tranquilamente a ler o meu jornal para logo apareceres tu a maçar-me!...

Mas Brigitte não desiste. A sua voz soa firme, inflexível, apesar da presença da mãe, que a olha sem a reconhecer.

— Desculpa, mas é muito importante o que tenho para dizer...

— Calculo... Vens-me anunciar que o teu gato está doente...

— Não... Queria que autorizasses o meu casamento...

O senhor Bardot, apanhado de surpresa, fica com uma expressão idiota, deixando cair o jornal... Interroga a esposa com o olhar, mas encontra-a tão surpreendida quanto ele e, na mesma fracção de segundo, interpela a filha:

— O que é que tu dizes? O teu casamento? Tu és doida! E com quem, pode-se saber?

— Com Roger Vadim... A mãe conheceu-o quando eu fiz o teste cinematográfico...

A senhora Bardot, que se mantivera até aí calada, resolve intervir para acalmar os nervos do marido, cuja explosão de cólera ameaça a integridade física da filha...

— Não te exaltes — pede-lhe, quase gritando, antes que a mão do marido desça implacàvelmente sobre Brigitte. — Ela ainda não tem 18 anos e não sabe o que diz...

A serenidade volta aos perturbados espíritos da futura «estrela» e de seus pais, após esse gesto que, pela primeira vez, quebrara a tradição da harmonia e do entendimento que ali sempre reinara, embora muitas vezes de maneira fria e distante.

— Não podias escolher outra ocasião para uma notícia dessas? — pergunta à filha o senhor Bardot, com um sorriso benevolente.

— Andas sempre tão ocupado e a mãe também...

— É preciso lutar pelo pão de cada dia, porque as coisas não funcionam sem trabalho — justifica-se ele, sentindo que a filha pusera o dedo na ferida. — E tu nunca trabalhaste, não podes avaliar o que custa defrontar um mundo em que todos disputam a posse de qualquer coisa aos outros... Não conheces ainda os homens... Prometo-te que daqui a três anos, quando atingires a maioridade, a vida se te revelará diferente... Não queres esperar até lá em vez de me pedires agora o meu consentimento para te casares?

— Mas, papá... já não sou nenhuma criança... Amo o Roger e ele ama-me...



Em «Helena de Tróia», Brigitte passaria quase despercebida no seu papel de Andrasta, se não fosse esta cena em que Jacques Sernas a transporta nos braços... No elenco do filme, o nome de Brigitte vinha em nono lugar...





Em «Os fins de semana de Nero», co-produção franco-italiana rodada em Roma, Brigitte conseguiu atrair as atenções por dois motivos. O primeiro, contracenar com Vittorio de Sica; O segundo, aparecer inteiramente nua na cena do banho e na dança dos seus véus...

Jean Marais, amoroso romântico por excelência, tomou Brigitte fogosamente nos braços no curso desta cena de «Futures vedettes».



É a vez de a mãe tomar a palavra:

— Três anos passam depressa... Vais ver como não dás por eles...

Embora procurem convencê-la da falta de oportunidade do casamento que ela queria, os pais mais não conseguem do que reduzi-la à situação de quem aceita o que lhe impõem, sem outra alternativa do que calar... e sorrir.

O conflito não tem, por isso, a solução necessária e vai estalar com toda a gravidade, meses depois, quando Brigitte pretende acompanhar Vadim numa viagem a Londres. A negativa familiar, dessa vez, é mais inflexível e rude, sem sorrisos de benevolência. Brigitte mete-se no quarto, presa de um choro convulsivo, fechando a porta à chave.

Apesar de todos os apelos, ela recusa-se a abrir. Para Mijanou (Marie-Jeanne) essa decisão é ainda mais desagradável na medida em que a vai privar de ver as iluminações de Notre-Dame, nessa noite em festa.

— Brigitte! — suplica ela. — Abre-me a porta.

— Deixa-a! — decide a mãe. — Sairemos sem ela. Que chore até se fartar, porque já estou saturada das suas ideias malucas!

★

Mas não é fácil a uma mãe esquecer as lágrimas de uma filha, ainda que essas lágrimas lhe pareçam desprovidas de razão. Ao deixar Brigitte sòzinha em casa, a Senhora Bardot não sai descansada. Na Praça do Trocadero é assaltada por um pressentimento que lhe tira os restos de serenidade que parecia ter.

Pede ao marido para voltar a casa e, subindo a correr ao quinto andar vai encontrar Brigitte inanimada, no pavimento de mosaico da cozinha, com as torneiras de gás abertas. Tinha sido um acto estúpido, mas na dor das suas ilusões desfeitas e sentindo-se só e abandonada, Brigitte quisera na verdade pôr termo à vida.

Nessa noite, à beira de sua cama, enquanto o médico chamado de urgência lhe verifica as pulsações difíceis do coração, o pai e a mãe, desolados e comovidos, prometem-lhe liberdade para fazer o que quiser e entender.

★

O casamento realiza-se a 20 de Dezembro de 1952 na igreja parisiense de Nossa Senhora da Graça, de Passy, com a presença de numerosos fotógrafos, artistas de cinema e amigos. O padrinho de Vadim é o escritor Hervé Mille, o de Brigitte o actor Daniel Gélin. Madrinhas: de Vadim, uma senhora da alta sociedade, de Brigitte a actriz Daniel Delorme, então casada com Gélin. Todos parecem felizes, exteriorizando uma alegria contagiante, mas não falta quem murmure comentários mais ou menos picantes sobre os dois primeiros filmes de Brigitte que a crítica deitou abaixo: «La Trou normand» e «Manina, la fille sans voiles» (a rapariga sem véus). Esses comentários, porém, vêm de homens aguilhoados de ciúmes pelo facto de Vadim ser agora o esposo de um botão de carne maravilhosamente escultural.

As mulheres, essas, invejam o deslumbrante vestido de noiva que Brigitte enverga, enfeitado a hermínia, mal sabendo que Vadim o alugou a um guarda-roupa... assim como o casaco de peles que ela usará no dia seguinte...

★

A seguir à cerimónia do casamento, Brigitte e Vadim partem em lua de mel num automóvel, com a ideia de uma viagem de núpcias o mais prolongada possível.

Mas tanto uma como a outra duram pouco, muito pouco. Regressam a Paris, porque o dinheiro não abunda a um homem que não tem passado do lugar de assistente.

Para suprir as dificuldades, Vadim não hesita em ingressar de novo na redacção do «Paris-Match», embora continui a sonhar com o cinema e.





# "E Deus criou a mulher"... criou a fama de Brigitte



**Se Sofia Loren alcançou a celebridade em «A Rapariga do Rio Pó» e Gina a conquistou com «Pão, amor e fantasia», para Brigitte Bardot também houve um «filme-chave»: «E Deus criou a mulher», que não chegará a ser exibido em Portugal. Filme de um erotismo exacerbado, que tem posto em polvoró as censuras de todo o mundo, o filme para que Vadim preparou pacientemente Brigitte durante quatro anos não é, porém, obsceno na verdadeira acepção da palavra. Que pena os espectadores portugueses não o poderem julgar por si...**



mais ainda, veja no cinema a grande ambição da sua vida — e em Brigitte a grande vedeta dos seus filmes.

No entanto, entre a realidade e o sonho vai uma distância enorme. Enquanto Vadim é um cineasta sem estúdio e sem actores, Brigitte é a imagem perfeita de uma rapariga sem talento, que representa mal, declama mal e apenas tem papéis de segunda ordem para interpretar. Vadim arranja-lhe, graças às suas relações com a gente do cinema, contratos para vários filmes, mas contratos em que ela não tem qualquer ocasião de brilhar. Em «Um gesto de amor», com Kirk Douglas e Dany Robin (filme que passou despercebido numa breve semana no Império), a aparição de Brigitte é uma aparição relâmpago: atrás de um postigo, diz três palavras e é tudo... Em «Helena de Troia» desempenha o papel de Andrasta e, na cena de fuga do palácio, é transportada nos braços de Jacques Sernas. Mas é um papel insignificante e os americanos até lhe deturpam o nome, apresentando-a como Bridget Bardot...

Entretanto, porém, Vadim prossegue infatigàvelmente o caminho traçado de tornar sua esposa uma grande «estrela». Dono de uma extraordinária vivacidade de espírito e de uma audácia juvenil que não conhece fronteiras, ele luta por dar a Brigitte a personalidade artística que lhe falta para se afirmar como «estrela» de primeira grandeza. Chega a ser rude, brutal, exigindo-lhe um esforço que ela, muitas vezes, não pode dar. Daí a preguiça e os amuos, que chegam a pôr um clima de mal estar entre eles. Gemendo e choramingando, Brigitte recusa-se a prosseguir.

— Para que queres que eu seja «estrela» se sou feia e estúpida?

Mas ele não a deixa abandonar, apesar de todas as decepções, o ofício para que a julga excepcionalmente dotada.

— Hei-de fazer de ti o sonho impossível de todos os homens...

No estúdio, Vadim mostra a todos os amigos que podem favorecer a carreira de sua mulher, fotografias em que ela exibe toda a sua beleza de adolescente tocada por um milagre de lascívia e voluptuosidade...

Mas a audácia publicitária de Vadim não fica por aí. Por ocasião do Festival de Cannes de 1953, Brigitte atrai, graças aos conselhos do marido, a atenção de todos os jornalistas e fotógrafos, que rivalizam da astúcia para lhe obterem cartões de convites para as várias recepções mundanas dadas pelas delegações dos países concorrentes.

Paradoxalmente, porém (a sorte é como as andorinhas que aparecem e desaparecem), nessas recepções ninguém repara na francesinha sorridente. Ela não é mais do que uma intrusa, do que uma espectadora no carrocel de grandes «estrelas» que rodopiam à sua volta. Podem os fotógrafos disparar os seus «flashs», podem os jornalistas dedicar-lhe colunas de prosa elogiativa, mas tudo é inútil para fazer nascer uma «vedeta», se a sua imagem não chegar às grandes massas através dos «écrans» das salas escuras. E Brigitte ainda não interpretou qualquer filme que tornasse a sua figura notada.

Quando Vadim descobre o então incipiente produtor Raoul Levy, pouco mais velho do que ele, Brigitte não partilha grande entusiasmo por essa aproximação em que seu marido vê a chave de todos os êxitos futuros. Porque, se Roger Vadim é apenas um jovem que possui um argumento e uma estrela difícil de fazer desabrochar, Levy não é mais do que um homem com dinheiro a quem a ambição de produzir filmes seduz irresistìvelmente. Mas passará ele da fase dos projectos?

«Os fins de semana de Nero» é o primeiro papel importante que Brigitte vai desempenhar, contracenando com actores de primeira fila como Vittorio de Sica e Alberto Sordi. A cena do banho e a dança dos sete véus (ambas bastante reduzidas em Portugal) põem a nu a plástica atraente da novel vedeta, mas o êxito não corresponde à expectativa de Brigitte, Vadim e Levy. A lição, porém, não é inútil, na medida em que lhes serve para reparar no exemplo de muitas outras estrelas que se despem diante





**Ao ir a Londres integrada na embaixada artística de uma «Semana do Cinema Francês» promovida pela Unifrance-Film, Brigitte teve a honra de ser apresentada à Rainha Isabel de Inglaterra...**

# A INGLATERRA

# ...e o divórcio!

**...ganhando ainda um excelente contrato da Rank para interpretar «Uma garota a bordo» (Doctor at Sea) com Dirk Bogard, James Robertson Justice e Brenda de Banzie, numa realização de Ralph Thomas. A permanência de Brigitte na Inglaterra ficaria ainda com outro motivo de recordação para ela: o telefonema amistoso de Vadim, de Paris, pedindo-lhe o divórcio.**





# "Quanto mais conheço os homens mais gosto dos burros!"

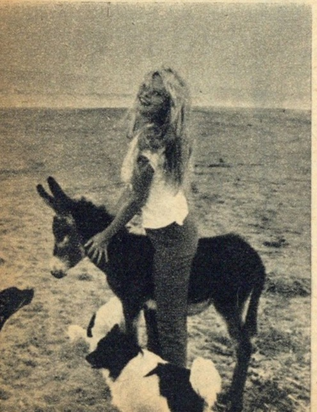




*As fotografias destas páginas centrais chegam, por si só, para justificar a razão do título dado a esta crónica.*

*Na realidade, Brigitte tem pelos burros uma simpatia que nunca mostrou, pelo menos com os jornalistas, a quem ela, talvez com razão, considera seus verdadeiros inimigos. Em relação aos burros, ela não tem receios de qualquer espécie—até porque as suas carícias para com eles eliminam a possibilidade de algum coice... De resto, preguiçosos e tímidos como todos os burros, estes que tiveram a ventura de sentir o aveludado das mãos de Brigitte, não reagiram alvoroçadamente como reagiriam muitos homens...*

*E é sempre agradável a uma mulher como Brigitte, já saturada de manifestações de entusiasmo e até de loucura por parte dos homens, saber que ainda resta alguém capaz de resistir aos seus encantos...*









das câmaras de filmar sem conseguirem, com isso, qualquer notoriedade ou simpatia por parte do público... É necessário ir mais além — para que uma estrela possa provocar os sonhos de todos os homens...

Surge assim a ideia da cinematização de «E Deus criou a mulher». Dispõem de reduzidos recursos e apenas de um mês de filmagens, em pleno Verão. Um Verão tórrido, que torna sufocante e irrespirável a atmosfera dos estúdios de Victorine, de Saint-Tropez.

Vadim tem concepções um pouco mais do que audaciosas sobre a liberdade da vida sexual. Ele não é um vendedor de postais obscenos ou de revistas do tipo «Paris-Hollywood», mas anseia dar ao cinema o que Faulkner, Caldwell, Lawrence e outros deram à literatura de paixões violentas. Ele anseia transformar Brigitte na encarnação ideal de uma mulher para quem as necessidades sexuais se tornam dilacerantes se não satisfeitas...

Para o conseguir, chega a esquecer os seus direitos de marido e ordena a sua mulher que beije com ardor, cada vez com mais ardor, o galã Louis Trintignant. Apaixonado pelo realismo, Vadim dá tudo por tudo para conseguir o que deseja. Ressoam pelo estúdio os seus gritos, os seus conselhos, as suas censuras, os seus estímulos... As testemunhas desses beijos tempestuosos que Brigitte e Jean Lours trocam diante da câmara sentem-se demasiado embaraçadas para tentarem prevenir Vadim de que ele deve mandar parar tão longa cena de amor.

Muito ao contrário, porém, Vadim ainda não se sente satisfeito. Ele quer mais realismo. O suor goteja nas fontes de Jean Louis e Brigitte, entontecida, já tem os olhos semi-cerrados, numa expressão de quem dificilmente suporta o calor que reina no estúdio e que os beijos constantes e repetidos tornam quase sufocante...

— Acaricia-lhe os cabelos docemente — ordena Vadim a Jean-Louis. — Assim mesmo. Muito docemente. Agora continua... Puxa-a para ti, beija-lhe os olhos, as faces, a boca...

Ofegante, a respiração dos dois artistas soa nitidamente em todo o «plateau»... Perdidos na voragem do desejo que deveriam apenas simular, eles beijam-se com frenesim, um louco frenesim que já não podem deter. Quando Vadim, lívido e a escorrer suor, dá ordem de cortar a cena, as duas bocas já não podem obedecer.

— Brigitte... — chama Vadim, sùbitamente despertado para as consequências da sua sede de realismo.

Ela termina, finalmente, o longo beijo, replicando num tom que nada tem de brincadeira:

— Estás com ciúmes?

— Se tivesse ciúmes, não te daria este papel... Mas enquanto não acabares o filme só podes fazer o que eu quiser... Depois, é contigo...

Ferida no mais íntimo do seu orgulho pela frieza de Vadim, Brigitte decide, no fim das filmagens desse dia, sair de braço dado com Jean-Louis Trintignant, olhando para o marido com um sorriso agressivo, que ela julga poder chamá-lo à razão... O mal, porém, já não tem cura. Apaixonado pelos seus sonhos de realizador, Vadim julga cumprida a missão que o levou ao casamento. Brigitte pode atraiçoá-lo à vontade, com os galãs que quiser, porque não o atraiçoou como artista. E para Vadim nada mais conta.

★

Terminadas as filmagens de «E Deus criou a mulher», Vadim e Brigitte regressam a Paris, mas enquanto ela passa a viver maritalmente com Jean-Louis Trintignant, ele instala-se num hotel. Entre ambos nada mais existe. Ignoram-se um ao outro como marido e mulher, e apenas se conhecem como realizador e artista. Aliás, agora que Jean-Louis lhe revela as emoções e os segredos do amor, ela apercebe-se finalmente de que o seu casamento com Vadim nascera apenas de um interesse comum pelo cinema e de uma necessidade pessoal de romper com a solidão que a perseguia no lar paterno.





**Brigitte é menos fútil do que muitos crêem, não só pela educação que recebeu, como ainda pelo facto de que sabe o suficiente de arte dramática para não recear o confronto com qualquer actriz francesa da sua geração. Assim o entenderam os críticos do troféu «Vitória», atribuído cada ano em França... E assim o entendeu Picasso, que não hesitou em recebê-la no seu «atelier», honra apenas concedida a raros...**

## B.B. é menos fútil do que muitos crêem!..



Acompanhada de Jean-Louis, Brigitte vai a Londres participar na Semana do cinema francês. Aí, além de figurar no número dos artistas apresentados à rainha Elizabeth de Inglaterra, ganha um vantajoso contrato para participar como protagonista num filme da Organização Rank: «Uma garota a bordo», ao lado de Dirk Bogarde.

Certa tarde, no estúdio, à hora do chá, chamam-na de Paris ao telefone.

— Allô, Brigitte, como estás? — pergunta-lhe a voz de Vadim.

— Muito bem — responde ela, sem rancores ou ressentimentos. — E tu?

— Não estou mal. Consegui defender cada metro do meu filme contra os rigores da censura e a estreia resultou em cheio. Já leste as críticas?

— Não. Que dizem de mim?

— Classificam-te como a descoberta mais sensacional dos últimos 20 anos. Sabes de uma coisa? Já comprei um carro. Um «Ferrari» extraordinário.

— De que cor?

— Verde!

— Tem piada! Eu comprei um «pull-over» verde.

— A propósito: o que fazemos? Divorciamo-nos?

— Não me importo se tu te ocupares de tudo.

— OK.

Seis meses mais tarde, em Paris, o divórcio é-lhes concedido com a mais completa facilidade, até porque esse acto jurídico não tem qualquer significado para eles. À saída do tribunal despedem-se como dois amigos que ali tivessem ido tirar apenas uma certidão, um papel sem qualquer valor sentimental...

Entretanto, «Et Dieu créa la femme» vai obtendo um sucesso louco, não apenas na França, mas sobretudo, na terra do falso pudor — a América. Ocupando-se do seu lançamento publicitário, Vadim apresenta por baixo do título do filme este explosivo «slogan»: «Mas o diabo inventou a BB» — legenda de erotismo que causa furor com a complacência de uma censura que já não tem meios de deter uma epidemia internacional: a bardolatria.

Antes de Brigitte Bardot, os filmes estrangeiros não entravam no sistema de distribuição geral americano, aprisionado nas mãos de ferozes monopólios. Eram reservados a salas especializadas e de lotação reduzida, legendados mas não dobrados. Hoje, as telas gigantes dos «drive uns» reproduzem as formas de Brigitte para todos os céus do Leste, do Médio-Oriente e do «Far-West», perante filas e filas de automóveis de todas as cores, que tanto podem conter uma família numerosa como um par de namorados.

«E Deus criou a mulher» deve ter feito até ao fim de 1958 uma receita de quatro milhões de dólares — equivalente à venda de 2.500 automóveis. Brigitte torna-se um factor importante na balança de pagamentos da França. Raoul Levy assina com ela, sem cláusula de exclusividade, quatro contratos progressivos: o primeiro, no valor de 12 milhões de francos; o segundo de 15; o terceiro de 30 e o quarto de 45.

No fundo, porém, o dinheiro, pouco interessa a Brigitte. Ela só quer viver — e viver, para ela, (como para muito boa gente...) é amor. Enquanto Jean-Louis lhe retribui o amor tempestuoso que nascera dos beijos ardentes de «E Deus criou a mulher», Brigitte é feliz... Feliz como uma criança que nunca encontrou uma justificação para viver e, quase de repente, é dona de tudo o que a vida lhe pode proporcionar: amor, fortuna, talento, celebridade...

Sucede, porém, que Jean-Louis ainda não cumpriu o serviço militar... E, certo dia, ele é obrigado a trocar o delicioso apartamento da rua Chardon Lagache pela caserna de Dupleix.

Para Brigitte é um duro golpe. O seu coração sedento de amor, não lhe permite suportar um momento sequer de isolamento, e por isso vai todos os dias, visitar Jean-Louis ao quartel, sem esconder a dor da separação. Essas visitas não passam de um lenitivo, mas mesmo assim Brigitte não falha uma sequer. Ama Jean-Louis com todo o ardor da sua alma ju-





# Divorciados, mas amigos!

**Em França reinam muitos conceitos morais que não se aplicam, felizmente, em todos os países. Mas, entre todos, alguns se salvam... Exemplo significativo de que, na verdade, os franceses têm razão em certos aspectos da sua conduta em matéria de amor, casamento e divórcio, é o facto de que, apesar de divorciados, Vadim e Brigitte continuam amigos como antes. Sucedeu até que não só voltaram a trabalhar juntos em «Vagabundos ao luar», como também Vadim convidou Brigitte para sua madrinha do seu segundo casamento. À última hora ela não pôde aceitar por motivos de saúde, mas não deixaram de ficar amigos, cônscios de que a amizade pode existir para além de todas as vicissitudes. O ódio ou a indiferença não ajudam a ninguém.**





venil e, estar ao seu lado, ainda que sob a vigilância de muitos olhares indiscretos, é dissipar da alma a angústia de se sentir sòzinha, sem pais, sem marido, sem alguém que verdadeiramente a ame, embora nas salas escuras multidões se incendeiem de desejo por ela.

Infelizmente, Jean-Louis não permanecerá muito tempo em Dupleix. Terminada a recruta, é enviado para a zona francesa na Alemanha. Aí, Brigitte não pode visitá-lo todos os dias. Mas ainda não é o fim, porque, aproveitando os fins de semana que as filmagens lhe deixam livre, ela toma um avião e vai passar essas escassas horas com ele...

★

De segunda a sexta-feira, Brigitte não sabe o que fazer. O trabalho nos estúdios é monótono, extenuante. Sòmente Raoul Lévy se apercebe da crise de romantismo que ela atravessa e que pode inclusivamente prejudicar-lhe a carreira. E com a confiança e a amizade cimentadas no contacto diário, aconselha-a a modificar os hábitos.

— Porque não vais divertir-te? As raparigas da tua idade gostam de conhecer Paris, mas tu não... Tens mil e uma coisa para descobrir, mil e um lugares para frequentar... E como sabes, nada deve ser ignorado por uma actriz.

A permanência de Jean-Louis na Alemanha e as palavras de Raoul Levy abrem brechas cada vez maiores na fidelidade de Brigitte ao seu primeiro grande amor... E, ao fim de três meses de separação, ela deixa-se vencer pelo turbilhão da vida parisiense, percorrendo «boites» e caves numa sede insaciável de prazer, como que pretendendo estontear-se para esquecer...

E, na verdade consegue-o, tanto mais que surge nessa altura a oportunidade de ir a Espanha filmar «Vagabundos ao Luar» (Les Bijoutiers du clair de lune), uma vez mais sobre a direcção de Roger Vadim.

Segundo conta a lenda — e a palavra é empregada com inteira justificação, porque na verdade já se criou uma lenda à volta de Brigitte — o amor de Jean-Louis entrou nas brumas do esquecimento, quando a figura máscula do galã espanhol Gustavo Rojo surgiu na vida da «estrela» francesa.

Chovem censuras e recriminações sobre Brigitte, acusando-a de leviana e inconstante, mas ela declara simplesmente que não lê os jornais e que apenas vê as fotografias...

No fundo, todos sabem que o drama de Brigitte consiste apenas na necessidade da companhia constante de um homem. Ela não pode suportar um minuto sequer de solidão. Os seus nervos dilacerados por uma vida de trabalho constante, de exigências profissionais sem conta, de bulício exagerado e de... poucos ou nenhuns lenitivos, podem torná-la selvagem aos olhos dos que não sabem compreender mas censurar. Na realidade, porém, Brigitte atravessa em Espanha um período de grave crise nervosa, que nem os fins de semana em França conseguem debelar.

Quando ela regressa definitivamente a Paris, o seu rosto é triste. A sua alma sofre o desespero da solidão, procurando, decepcionada, uma razão de viver que não consegue descortinar, não obstante viver principescamente num prédio de dois andares e ganhar num mês o que os lucros de muitos capitalistas, como o seu pai, não somam num ano.

Quase não tem férias para o repouso de que precisa e a que indiscutivelmente tem direito. As filmagens de outra película «En cas de Malheur», ao lado de Jean Gabin, iniciam-se sem que Brigitte desfrute de boa saúde. Resultado: logo de início a rodagem é interrompida duas vezes durante quarenta e oito horas, devido à crise de nervos em que ela se debate. E antes do Natal de 1957, sofre três desmaios em igual período.

Certa manhã, um jornalista telefona para casa da «estrela» a fim de colher novidades, ouvindo do outro



# DANNY KAYE «fan» de BRIGITTE!

*A onda de sensação que Brigitte Bardot levantou na América com os seus filmes chegou inevitàvelmente a Hollywood, onde muitos artistas desejariam contracenar com ela.*

*Outros não resistem a querer conhecê-la a Paris e isso aconteceu ainda recentemente com Danny Kaye, que de regresso de Israel, se deslocou propositadamente aos estúdios de Joinville. Daí resultou que as filmagens tiveram de ser interrompidas, porque Danny, quanto mais falava com B. B., mais preso ficava à conversa...*

*Aqui têm os leitores dois instantâneos que nos mostram a autenticidade desse encontro, em que Brigitte aumentou, à sua enorme legião de «fans», um actor tão famoso quanto ela: Danny Kaye...*





lado do fio a voz soluçante e misteriosa da criada de quarto.

— A menina envenenou-se!

Que se teria passado? Teria realmente Brigitte tentado pela segunda vez pôr termo à existência?

Ninguém poderá esclarecer completamente a estranha declaração da criada da «estrela». Ela própria se recusa a falar sobre o assunto, quando, mais tarde, os jornalistas a interrogam. E a criada, igualmente assediada com perguntas, apenas afirma:

— Fiquei alvoraçada quando a menina desmaiou... Só quando o médico chegou e viu que se tratava de um princípio de intoxicação provocado por uns mariscos que já não estavam frescos, compreendi o meu erro...

Falaria a criada verdade, ou teria o alibi nascido da imaginação de Brigitte para dar aos factos uma versão normal?

Sobre este assunto o mistério permanece insondável...

Sob ordem do médico, Brigitte abandona as filmagens de «En cas de Malheur» e parte na companhia da irmã para a estância de repouso de Cortina d'Ampezzo, onde a neve e o sol, de mãos dadas, com o sorriso de Mijanou, vão operar o milagre de lhe dar uma nova vida — e uma nova alegria de viver.

Torna-se necessário explicar que Brigitte possui, como os poetas, uma paixão sem limites pela natureza. Ela não esquece que o sol e o mar favoreceram o seu romance de amor com Jean-Louis. Não esquece os passeios que deu com ele pelo bosque de Bolonha, nem a paisagem espanhola onde nasceu o seu idílio com Gustavo Rojo. Daí a cura rápida que 15 dias de permanência na Cortina d'Ampezzo lhe proporcionam, daí a alegria feliz de um regresso em que a solidão já não lhe infunde medo, porque tem a seu lado Mijanou, e leva no corpo o sol que a aquece e nos olhos a neve que a deslumbra.

Para os que tinham visto Brigitte partir, magra e abatida, a surpresa é grande. No «plateau», contracena agora com Gabin uma rapariga radiosa e bronzeada, que cumpre as indicações do realizador com facilidade, assimilando tudo, correspondendo a tudo com a certeza de quem não tem fantasmas à sua volta. Na realidade, é uma nova Brigitte a «estrela» que regressou de Cortina d'Ampezzo. E como uma felicidade nunca vem só, alguns meses mais tarde ela encontra Sacha Distel.

Acompanhados de um grupo de amigos, eles partem para três longos meses de férias para a sua «vila» de Saint Tropez, denominada «La Madrague». Brigitte é feliz e tem prazer em mostrar que na sua vida não existem mais sombras.

Certo dia, quando Moustache, o célebre chefe de orquestra de «jazz» celebra o seu casamento nas Antibas, Brigitte e Sacha aparecem pela primeira vez juntos, de mãos dadas, com a confiança de dois namorados que nada têm a ocultar.

A partir daí, eles aparecem sempre ou quase sempre juntos nas festas a que comparecem. Sacha inclui no seu reportório uma canção intitulada «Brigitte», que ele próprio escreveu e compôs em homenagem à mulher amada, enquanto ela usa ao peito a fotografia do jovem a quem deve esta nova etapa de uma vida que nem sempre lhe tem sorrido.

Casar-se-á Brigitte pela segunda vez?

Eis o seu grande segredo — um segredo cuja chave só o Destino possui.

Entretanto, ela continua a ser a actriz francesa que a imprensa de todo o mundo tornou o alvo mais constante da sua sede de escândalos. Comentam romances que não têm qualquer existência real — afirmando que Sacha Distel é apenas uma recordação prestes a apagar-se na sua memória, porque outro galã mais alto se alevanta: Jacques Charrier — seu parceiro em «Babette vai para a guerra».

Tudo isso, porém, não passa de mentiras, porque Brigitte encontrou em Sacha todas as qualidades que ela mais ambicionaria num homem: beleza, simplicidade, alegria, compreensão... e amor (1). Até que ponto a imprensa invadindo a sua vida privada, surpreendendo-a numa intimidade que devia ser inviolável, vêm prejudicando a sua vida sentimental, ninguém, por certo, o saberá dizer.

Antes de se casar com o dramaturgo Arthur Miller, Marilyn Monroe sofreu todas as espécies de perseguição. Mas hoje é uma esposa calma e feliz.

Oxalá a Brigitte suceda o mesmo, o mais breve possível...

---

(1) A revista «Marie-France» tem inserido nos seus últimos números uma série de confissões de Brigitte, desmentindo as aleivosias que o jornalista Raymond Cartier escreveu a seu respeito.

## palavras de SACHA DISTEL, a quando da sua estadia em Lisboa acerca de BRIGITTE BARDOT

**«Gostaria que não ficassem a pensar que Brigitte Bardot é a mulher que se imagina. Na vida real é uma rapariga como qualquer outra, sem mais ou menos artifícios. E é dessa que eu gosto.**

**Quando se está noivo é evidente que se pensa em casar. Mas não está nada fixado ainda. Temos sido vítimas da imprensa, de uma maneira geral, pode crer. O casamento é um passo tão sério, tão grave, que quando nos decidimos a dá-lo não devemos desejar que ele pertença ao mundo inteiro antes de nos pertencer a nós. Ora o nosso casamento tem sido tão falado, tão comentado. Mas não há direito, não acham?»**

*(extraído da «Crónica Feminina» n.º 115, de 5 de Fevereiro de 1959)*



Três cenas de três filmes de Brigitte: «A noiva era de gritos», com Louis Jourdan; «La Lumière d'en face», com Raymond Pellegrin; e «Une Parisienne», com Charles Boyer e Henri Vidal. De todos, apenas o primeiro pôde ser exibido em Portugal...

# Acima da beleza, B.B. quer triunfar pelo talento!

*Na maioria das vezes, crê-se que uma mulher bela não pode ser uma grande actriz. Ora, a história do cinema ensina-nos precisamente o contrário. Desde Mary Pickford, passando por Greta Garbo e Jean Harlow, até Marilyn Monroe, Gina Lollobrigida ou Sofia Loren, poderiam citar-se dezenas de casos de mulheres extraordinàriamente belas, a quem o talento não abandonou...*

*Quem já viu a maioria dos filmes de Brigitte, não pode deixar de reconhecer que ela não é uma dessas meninas-bonitas que apenas sabem sorrir e mostrar as pernas... Ela tem um rosto bastante expressivo e sabe dizer como poucas...*

*Mesmo que não fosse tão bela, B. B. triunfaria sem dúvida pelo talento!*



No filme «En Cas de Malheur», Brigitte actua com um actor extraordinário — Jean Gabin — e sob as ordens de um dos mais notáveis realizadores franceses: Claude Autant-Lara.



«Um diabo de saias» (Mademoiselle Pigalle), o primeiro filme de Brigitte, a revelar-nos em Portugal toda a sua «verve» e dinamismo, era interpretado por Jean Bretonnière e Françoise Fabian. Estreado no «São Luís», permaneceu ali durante duas semanas.



Em «La femme et le pantin», Brigitte tem um excelente papel dramático ao lado de António Vilar. Dramático e romântico, claro...



Em breve passará nos «écrans» «En effeuillant la marguerite», um filme em que Brigitte tem a dirigi-la o realizador que lhe rejeitou o primeiro teste cinematográfico: Marc Allegret. O galã é Daniel Gélin.



# Sempre juntos, em toda a parte!

*O romance que Brigitte tem vindo a viver com Sacha Distel já encheu colunas e colunas dos jornais de todo o mundo. Já se disse sobre eles tudo o que se deveria dizer e talvez muito mais...*

*Ora, o que mais se evidencia neste romance de amor — e a palavra é empregada aqui no seu mais verdadeiro sentido — é o facto de Brigitte e Sacha aparecerem juntos em toda a parte. Para onde quer que ele vá por força dos seus contratos, ela vai também (isso só não sucedeu quando da vinda de Sacha a Lisboa, porque Brigitte estava a filmar «Babette vai para a guerra» com um contrato que a proibia de sair de Paris).*

**De mãos dadas, apreciam um espectáculo folclórico realizado na ilha das Antibas. Estavam ainda no princípio do romance que os uniu...**



*Havera por acaso um romance de amor fútil e passageiro em que dois jovens amantes tenham tanta necessidade um do outro?*

*A resposta só pode ser negativa — e ela é a prova mais concludente de que eles se amam com verdadeira paixão e que nada os deterá no caminho da sua felicidade.*



**Convidada de honra ao Festival do Filme em Bruxelas, Brigitte compareceu acompanhada de Sacha. À direita, vê-se Maria Schell.**



**Ele com a sua guitarra, ela com uma pequena mala de mão — assim percorrem o mundo com a alegria e a confiança que só o amor sabe dar aos namorados.**

*Mons. James T. Lyng (arcipreste da paróquia de Saint-Agnás):*

«Brigitte Bardot é uma actriz cujo nome está associado a tudo o que afronta a decência e a moralidade».

*Uma conselheira municipal americana:*

«Essa gata francesa não é grande coisa e nada seria sem a obscenidade deliberada dos produtores. Nunca ganhou o concurso de «Miss» América, e gostava de saber qual é o seu quociente de inteligência».

*Um vereador de Lake Placid (U.S.A.):*

«Se a Bardotte aqui aparecesse vestida, ninguém repararia nela».

*Um psicanalista:*

«O êxito de B.B. é uma libertação de erotismo, uma defecção de interdição moral, um recuo da metafísica».

## O que têm dito de Brigitte os seus amigos e inimigos

*Paul Reboux (um velho de 84 anos):*

«Fiquei impressionado com o seu corpo, ao ponto de sentir o sangue ferver nas veias. Mas ela não é bonita. O lábio inferior é demasiado grosso e tem olhos grandes e cara de boneca...».

*Raymond Cartier:*

«Brigitte Bardot não é única. O cinema mundial passa actualmente por um período de erotismo como passou anteriormente por períodos de heroísmo, de sentimentalismo e de fantasia. Os americanos atestam-no levando cada vez mais para o «écran» o seu Sul indolente e lascivo. Filmaram «Baby Doll», certamente mais luxurioso do que qualquer dos filmes de Brigitte Bardot, e «Le petit arpent du bon Dieu» inteiramente penetrado da obsessão sexual das terras de Dixie.

Na própria França, Brigitte Bardot foi precedida e de certo modo anunciada por «vedetas» perturbantes como Audrey Hepburn e Leslie Caron. Sob certos aspectos — e segundo dizem os seus analistas — ela é ainda menos perversa».

*Roland Barthes:*

«Brigitte Bardot representa um erotismo mais aberto despojado dos substitutos falsamente protectores que eram o semi-vestuário, a caracterização, a alusão, a fuga».





## B·B VAI PARA A GUERRA





*Em «Babette vai para a guerra», B.B. tem um papel (ou por outra dois papéis) em que dá uma grande lição da arte de representar a todos os que ainda possam duvidar do seu talento.*

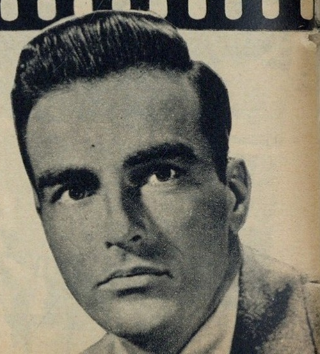
*Sob as ordens do realizador Christian Jaque, ela é uma espia francesa que executa uma perigosa missão, ludibriando a própria Gestapo... Caem presos dos seus encantos um francês (Jacques Charrier), um inglês (Ronald Howard, o filho do famoso Leslie Howard) e um alemão (Francis Blanche).*

*Já por aqui podem avaliar os estragos que B.B. desencadeia na guerra... Qual o Governo que não a trocaria por uma bomba atómica?...*

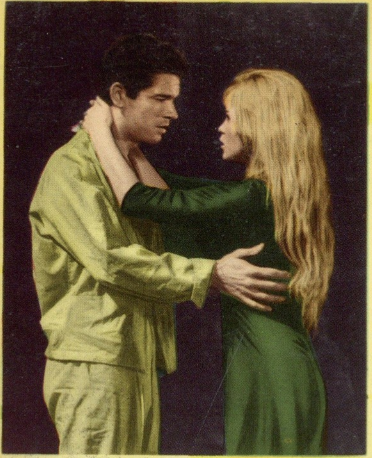
no próximo número:

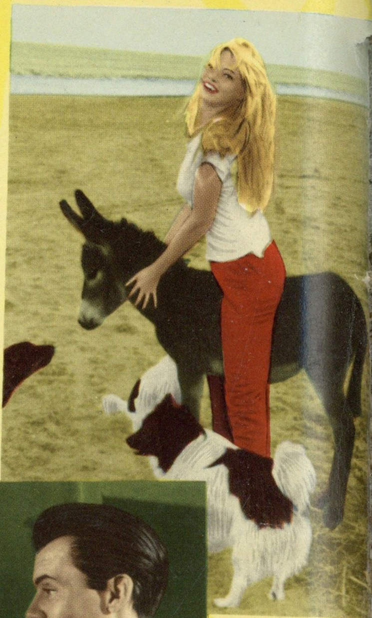
# MONTGOMERY CLIFT





**o extraordinário actor a quem o talento matou a capacidade de amar!...**







N. 43

PREÇO 2$00